

Ricœuriana

#1

ISSN
2184-190X

Gonçalo Marcelo
César Correa Arias
Patrícia Lavelle
Tomás Domingo Moratalla
COORDS.

A Atualidade de Paul Ricœur numa Perspetiva Ibero-Americana

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

**QUAL O LEGADO PRINCIPAL DE PAUL RICŒUR
À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA?**

***WHAT IS PAUL RICŒUR'S MAIN LEGACY
TO CONTEMPORARY PHILOSOPHY?***

*Hilton Japiassu*¹

O eixo fundamental desse filósofo que considero um dos mais fecundos, abertos e dialógicos de nosso tempo, reside em ter tomado como seu problema próprio o da *extração e interpretação do sentido* (Hermenêutica) permitindo-lhe elaborar uma *simbólica da consciência* que se encontra na raiz mesma de todas as determinações históricas e espirituais do homem contemporâneo. Ao partir de uma análise rigorosa da *vontade humana*, buscou atingir e formular uma *teoria do ser* utilizando a fenomenologia como seu momento metodológico decisivo, a fim de detectar e analisar os *problemas reais* colocados pelos homens atuais no interior da História. Ao utilizar o pensamento dos outros pensadores ou cientistas como instrumento para sua própria *recriação de conceitos*, sua ambição foi a de *pensar a totalidade do homem* (cognoscente, sentinte e agente) sem jamais reduzi-lo a uma faculdade de conhecimento.

¹ Hilton Japiassu† era doutorado em Filosofia pela Université des Sciences Sociales de Grenoble e Professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Convencido de que o *símbolo nos leva a pensar* (representa um conteúdo inconsciente), fez da Hermenêutica um trabalho e uma tarefa intelectuais de decodificar o *sentido oculto* por detrás do sentido manifesto, notadamente nos fenômenos concernentes à vida humana e a seu destino. Donde sua Filosofia se apresentar sempre como uma atividade ao mesmo tempo concreta, temporal e pessoal, mas com pretensões à universalidade e aberta à Transcendência, pois sua esperança é uma flâmula na noite. Como um dos últimos *Maître à penser*, e a fim de responder aos grandes desafios de seu tempo, não hesitou em sair do *corpus* propriamente filosófico para deixar-se interpelar pelos problemas de um *Lebenswelt* (Mundo da Vida), mas com *Leben* e com *Welt*, pois jamais deixou de consagrar sua reflexão sobre os conhecimentos novos que modificam nossas concepções do mundo, do real e do homem.

Filósofo de todos os *diálogos*, abriu a interrogação filosófica a uma *busca frenética pelo sentido* ao refletir em profundidade sobre os problemas vividos pelos homens concretos na Cidade. Donde sua obra ser considerada *sem fronteiras* servindo-nos de uma incrível *mina de inspiração* e instigando-nos a encontrar uma *Ética* adaptada à nossa modernidade e a seus novos desafios, notadamente o de resgatar uma utopia em sua função libertadora capaz de impedir o horizonte de expectativas de confundir-se com o simples campo da experiência. Porque o luto das visões teológicas pode se transformar numa chance para podermos refundar um projeto de futuro comum a partir do reexame permanente dos possíveis não realizados em nosso passado. Donde seu empenho em revivificar, rejuvenescer e descobrir o sopro inicial do desejo de estar sempre voltado para a ação e o presente. Donde sua busca constante de recarregar de energia uma deontologia da vontade graças a uma *“teleologia do desejo”*. Seu pensamento, podendo ser considerado uma lição de coragem contra todas as formas de despistes, sejam eles céticos, fatalistas ou niilistas, abre-nos os caminhos de uma

esperança exigente, convocando-nos a jamais nos esquecermos da responsabilidade e da dignidade humanas, pois, como dizia a frase de Heidegger, a ser entendida como um apelo: “a origem não se encontra atrás de nós, mas em nossa frente”. Porque, não só o indivíduo, mas também a sociedade possui um *projeto*, um horizonte de expectativas e de esperança permitindo-nos fazer do sentido atribuído ao passado uma fonte potencial para a construção de nosso futuro no qual o homem precisa se conceber como *ser-com*, cuidando de sua alma e, para ser feliz, praticando (como ensinara Sócrates) tudo o que é bom, honesto e justo, sem se esquecer do que já dizia Heráclito (séc. VI a.C.): “a mais bela harmonia nasce das diferenças”.

Testemunho recolhido por *Claudio Reichert do Nascimento*
Universidade Federal do Oeste da Bahia – Campus Barreiras